

ENTRETEXTOS. Londrina, v. 25, n. 3, 2025. Especial.
ISSN 1519-5392 UEL
DOI: 10.5433/1519-5392.2025v25n3p75-96

Multiletramentos e gênero social: uma experiência de releitura de poemas em instalações artísticas no espaço escolar¹

Multiliteracies and social gender: an experience of rereading poems in artistic installations in the school space

Multialfabetizaciones y género social: una experiencia de relectura de poemas a través de instalaciones artísticas en el espacio escolar

Viviane Vieira²

 0000-0003-4148-5414

Ofélia Maria Imaculada³

 0000-0001-7283-7721

RESUMO: Este estudo tem como objetivo apresentar uma análise discursiva crítica de uma experiência de multiletramentos, desenvolvida com estudantes do Ensino Médio, centrada na leitura de poemas com sua recriação em instalações artísticas e na problematização dos modos como essa manifestação literária tematiza o feminino nas relações de gênero social. Para a descrição e análise desta prática, partimos do marco teórico dos estudos críticos do discurso a partir de Fairclough (2003), Chouliaraki e Fairclough (1999), Vieira (2019, 2022, 2023), Resende (2019) articulados à abordagem dos Multiletramentos proposta por Rojo

¹ Este texto apresenta os resultados finais de uma experiência escolar realizada em 2019 e relatada inicialmente em Imaculada e Vieira (2025).

² Professora Associada do Instituto de Letras da Universidade de Brasília (UnB)/Dept. De Linguística, Português e Línguas Clássicas/Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL-UnB). Doutora e Mestra em Linguística pela UnB com Pós-doutorado pelo Programa de Estudos Pós-graduados em Língua Portuguesa da PUC-SP. Integrante da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso-ALED e do Núcleo de Estudos de Linguagem e Sociedade – NELIS/UnB. Foi editora do periódico *Cadernos de Linguagem e Sociedade* (<https://periodicos.unb.br/index.php/les/index>) de 2017 a 2024. Vice-líder do Laboratório de Estudos Críticos do Discurso (LabEC-Unb/CNPq). Desenvolve pesquisas na linha Discurso e Recursos Sicossemióticos em uma Perspectiva Crítica – PPGL-UnB. E-mail: vivi@unb.br.

³ Doutoranda em Linguística do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília, integrante do Núcleo de Estudos de Linguagem e Sociedade (NELIS – UnB) e mestra em Teoria Literária e Crítica da Cultura pela Universidade Federal de São João Del Rei (UFSJ). Professora de Língua Portuguesa do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Viçosa (CAP-COLUNI/UFV). E-mail: ofelia@ufv.br.

(2009) e Kalantzis, Cope e Pinheiro (2020), aos pressupostos da Semiótica social conforme Kress e Leeuwen (2002, 2006); Leeuwen, (2022) e às práticas-teóricas latino-americanas sobre discurso, poder e gênero social segundo Lugones (2007, 2014.). A análise discursiva-semiótica centrou-se nos significados (inter)acionais espaciais, considerando sua estrutura e valor, bem como sua interação com outros modos semióticos na constituição das instalações como gêneros discursivos situados. Verificamos nas análises que os/as estudantes acabam refletindo mais criticamente sobre suas experiências e vivências, como jovens social e culturalmente situados/as num tempo e espaço particular, o que possibilita que contestem as práticas ideológicas do sistema mundo colonial-moderno e se engajem em outras formas de pensar as relações de gênero social.

PALAVRAS-CHAVE: Multiletramentos; Instalações artísticas; Gênero social.

ABSTRACT: This study aims to present a critical discursive analysis of a multiliteracies experience developed with high school students, centered on the reading of poems with their recreation in artistic installations and the problematization of how this literary manifestation thematizes the feminine in social gender relations. To describe and analyze this practice, we started from the theoretical framework of critical discourse studies according to Fairclough (2003), Chouliaraki e Fairclough (1999), Vieira (2019, 2022, 2023), Resende (2019) articulated with the Multiliteracies approach proposed by Rojo (2009) e Kalantzis; Cope; Pinheiro (2020), with assumptions of Social semiotics according to Kress e Leeuwen (2006, 2002); Leeuwen, (2022) and to Latin American theoretical practices on discourse, power and social gender according to Lugones (2007, 2014). The discursive-semiotic analysis focused on spatial (inter)actional meanings, considering their structure and value and their interaction with other semiotic modes in the constitution of installations as situated discursive genres. We found in the analyses that students end up reflecting more critically on their experiences, as young people socially and culturally situated in a particular time and space, which allows them to contest the practices of the modern colonial world system and engage in other ways to think about social gender relations.

KEYWORDS: Multiliteracy; Art installations; Social gender.

RESUMEN: Este estudio tiene como objetivo presentar un análisis discursivo crítico de una experiencia de multialfabetizaciones, desarrollada con estudiantes de secundaria, centrada en la lectura de poemas, su recreación en instalaciones artísticas y la problematización de las formas en que esta manifestación literaria tematiza lo femenino en las relaciones sociales de género. Para describir y analizar esta práctica, se parte del marco teórico de los estudios críticos del discurso, con base en Fairclough (2003), Chouliaraki e Fairclough (1999), Vieira (2019, 2022, 2023) y Resende (2019), en articulación con el enfoque de los multiletramientos propuesto por Rojo (2009), Kalantzis, Cope y Pinheiro (2020), los presupuestos de la Semiótica Social según Kress y Leeuwen (2006, 2002); Leeuwen, (2022), así como las prácticas teóricas latinoamericanas sobre discurso, poder y gênero social según Lugones (2007, 2014). El análisis semiótico-discursivo se centró en los significados espaciales (inter)nacionales, considerando su estructura y valor, así como su interacción con otros modos semióticos en la constitución de las instalaciones como géneros discursivos situados. Los análisis evidencian que los estudiantes reflexionan de forma más crítica sobre sus propias experiencias, como jóvenes social y culturalmente situados en un tiempo y espacio determinados, lo que les permite cuestionar las prácticas del sistema mundial colonial moderno y participar en otras formas de pensar sobre las relaciones de género social.

PALABRAS CLAVE: Multialfabetizaciones; Instalaciones artísticas; Gênero social.

Introdução

Neste artigo, apresentamos parte dos resultados da pesquisa de doutorado “Práticas de multiletramento em Língua Portuguesa no contexto da reforma do ensino médio: um estudo colaborativo em um colégio de aplicação”, em fase de finalização na Universidade de Brasília. O estudo mais amplo é parte do projeto “Gênero discursivo e poder: análise crítica de práticas internacionais”, cujo objetivo é analisar, a partir das propostas iniciais de Chouliaraki e Fairclough (1999) e Fairclough (2003), práticas interacionais, de diferentes naturezas e campos sociais, como eventos sociais de mobilização de poderes: poder-ser, poder-saber, poder-fazer, poder-falar, poder-agir, poder-interagir. Entendendo tais práticas como um conjunto de interações articuladas em rede, por meio das quais as pessoas, intersubjetivamente, inter-agem, representam e identificam(-se) na vida social e, simultaneamente, (con)formam valores, crenças, atitudes, relações sociais, subjetividades, poderes e saberes, buscamos, na tese em finalização, trabalhar com experiências pedagógicas de leitura e produção de textos no contexto do ensino médio, centradas no trabalho com gêneros discursivos.

Partindo de um marco teórico central que articula os estudos da Pedagogia crítica (Freire, 2018; Walsh, 2007), a abordagens da Pedagogia dos multiletramentos (Kalantzis; Cope; Pinheiro, 2020; Rojo, 2009), os pressupostos da Semiótica social (Kress; Leeuwen, 2002, 2006; Leeuwen, 2022), as práticas-teóricas latino-americanas sobre discurso, poder e gênero social (Lugones, 2007, 2014) e os Estudos críticos do discurso (Chouliaraki; Fairclough, 1999; Fairclough, 2003; Resende, 2019; Vieira, 2019, 2022), analisamos uma prática situada de multiletramentos críticos centrada na leitura de poemas e na problematização dos modos como essa manifestação literária tematiza a pluralidade das representações e identificações “do feminino” nas relações sociais de gênero.

A ênfase discursiva deste estudo está, portanto, na ação-interação situada de estudantes do ensino médio engajados no processo de leitura de poemas e na

recriação desses textos em instalações artísticas nos tempos-espacos da escola e na análise do potencial dessa prática para desafiar discursos que reproduzem injustiças sociais sustentadas por legitimações ideológicas de gênero social e intersecções de raça, classe, geração, capacidades, espiritualidades etc. (Vieira, 2022).

É importante destacar que, apesar de o foco da crítica explanatória serem as interações escolares, as ideologias que sustentam injustiças e desigualdades nas relações de gênero e intersecções perpassam toda a cadeia de textos que organizam as práticas educacionais como leis, currículos oficiais, diretrizes curriculares, projetos pedagógicos das escolas e materiais didáticos. Essas práticas apresentam importante faceta discursiva, e, nas interações situadas no contexto escolar, a atenção para a linguagem é muito relevante, porque há um processo de desenvolvimento da capacidade e sensibilidade dos/as estudantes para agirem e se relacionarem criticamente por meio de textos com constituições semióticas complexas com potencial formativo para a (re)produção e/ou transformação de saberes, crenças, valores e identidades nessas interações escolares. Isso significa que a seleção de textos e temáticas para serem trabalhadas em sala de aula, os gêneros discursivos que são lidos e produzidos, assim como o modo que as diferentes linguagens abordadas impactam na formação linguística e social dos/as jovens.

Primeiro, comentamos a experiência escolar com práticas de leitura crítica e de produção escrita e multissemiótica de textos com foco na complexidade das formas de interação contemporâneas com o intuito de integrar esses letramentos críticos às vivências e experiências corporificadas dos(as) jovens e, assim, colocar em debate problemáticas em torno das relações de poder e gênero social e intersecções, inclusive, questionando o apagamento recente dos temas gênero social e diversidade sexual dos textos normativos nacionais, conforme Silva (2020). Em seguida, buscamos refletir, a partir da explanação crítica dos textos das(os) alunas(os), sobre as potenciais contribuições dessa experiência para a construção de um fazer-saber-sentir crítico no espaço escolar, mais comprometido com a transformação social, pautada na cooperação e no respeito à pluralidade de ideias,

saberes, identidades e culturas locais situadas.

Estudos discursivos críticos na construção e abordagem das práticas socioescolares

Para analisar as (inter)ações e representações de gênero social instanciadas pelos estudantes nas instalações poéticas, compreendemos o discurso-semiose como momento semiótico constituinte das práticas sociais, para criar, reproduzir e transformar relações de poder, formas de conhecimento e subjetividades nos diferentes campos de ação e interação social, inclusive no educacional (Chouliaraki; Fairclough, 1999).

Conforme Maldonado-Torres (2018), a colonialidade sobrevive ao colonialismo, enquanto relação política e econômica de soberania de um povo em relação a outro, e se sustenta no nosso cotidiano, na experiência vivida, a partir de três bases: a *colonialidade do poder*, que diz respeito às relações entre o sujeito e as estruturas e culturas em formas de dominação e exploração do saber e do ser; a *colonialidade do saber*, que concerne à relação entre sujeito e epistemologias e formas de produção do conhecimento e reprodução de discursos coloniais, atreladas à *colonialidade do ser*, ou do suposto (não)ser subalternizado, tocante às relações humanas do sujeito corporificado no tempo-espacô, que implica colonização cotidiana de outros campos da experiência vivida, com impacto na linguagem (Vieira, 2019, 2022).

Esses processos são partes constitutivas importantes nos modos como o conhecimento, o trabalho, a cultura e as relações intersubjetivas se articulam através do mercado capitalista, sustentados por categorias sociais e discursivas de raça, classe, gênero, sexualidade, capacidades, geração, legitimadas por valores hierárquicos de dominação, controle e exploração.

Considerando que o discurso integra, dialeticamente, as práticas sociais constituindo-se socialmente e constituindo o social em significado nos modos de agir-interagir, representar, ser-sentir-identificar-se no mundo social, Resende (2019) e Vieira (2019, 2022) problematizam o modo como os discursos sustentam ideologicamente e transformam o tripé da colonialidade. Nessa abordagem

teórico-metodológica, as autoras propõem uma articulação relacional-dialética entre os três pilares da (de)colonialidade e os três principais modos de produzir significados nas práticas sociais, conectando a colonialidade do poder aos *gêneros discursivos*, a colonialidade do saber aos *discursos* e a colonialidade do ser aos *estilos-vozes particulares*.

As *interações semióticas*, como eventos sociais situados, são parte constitutiva das ordens dos discursos, que concretizam maneiras-*habitus* situados de (inter)agir, representar e identificar(se) em práticas sociais, identificados em seus aspectos de linguagem como gêneros, discursos e estilos, que têm efeitos no social (Fairclough, 2003). As redes de discurso particulares relacionadas à matriz colonial, conforme Vieira (2019), podem colonizar o *conhecimento* (formas de conhecer e representar o mundo) produzido, distribuído, e recebido por pessoas a partir dos *gêneros do discurso*, enquanto modos socialmente organizados de agir e interagir no curso dos eventos sociais, que podem colonizar o poder em formas modernas de exploração e dominação com potencial para condicionar os *estilos*, a experiência vivida e os modos de (auto) identificação das pessoas a partir do constrangimento ou não dos gêneros discursivos e a partir da internalização ou não de discursos disseminados e legitimados pela matriz colonial.

Partimos desse entendimento crítico das práticas sociais para trabalharmos colaborativamente nas instalações produzidas pelos/as estudantes, abordando desde a escolha ou produção dos poemas e as formas como significam as diferentes subjetividades femininas até a escolha dos espaços, dos objetos e demais elementos semióticos como construtores de significados e de processos autoriais nas instalações. Destacamos a importância dos corpos e dos seus marcadores sociodiscursivos (raça, sexo, idade, tamanho, capacidades físicas e mentais) que, atravessados por diferentes eixos de opressão e de privilégio, condicionam os processos de significação nas vivências e experiências corporificadas intersubjetivas dos/as estudantes ao longo da experiência escolar.

Contextualizando e refletindo sobre a experiência de letramentos

críticos

Com a última reforma do ensino médio instituída pela Lei n. 13.145 de fevereiro de 2017 e caracterizada pela ênfase na Base Nacional Curricular Comum (Brasil, 2018), esta etapa da educação básica tem passado por uma reconfiguração do currículo, pautada na flexibilização, por meio da oferta de itinerários formativos com base nas áreas de conhecimento apresentadas na BNCC, supostamente visando estimular o exercício do protagonismo juvenil e a construção de projetos de vida. Desde então, tem-se intensificado o debate sobre quais conhecimentos devem figurar no currículo do ensino médio e sobre como devem ser organizados nas escolas, inclusive, com a proposição da obrigatoriedade do construto “projeto de vida” como conteúdo a ser trabalhado transversalmente. Muitas são as críticas feitas a essa reforma como: o currículo estar organizado em competências, o esvaziamento epistemológico das áreas do conhecimento, a obrigatoriedade nos três anos apenas dos componentes de língua portuguesa e matemática, a obrigatoriedade do projeto de vida sem detalhamento de seus pressupostos epistemológicos, as ausências de temas transversais importantes como gênero social e religião, dentre outros (Magalhães, 2021; Projeto [...], 2022; Reforma [...], 2022; Silva, 2018, 2020).

Muitos desafios, portanto, colocam-se para as escolas no processo de implementação dessa reforma, dentre eles destacamos, no âmbito das práticas de ensino-aprendizagem de língua portuguesa, o foco da BNCC no trabalho com gêneros multissemióticos, muitos produzidos em meios digitais, e no desenvolvimento de uma postura crítica no trato com os textos. Para além destas normativas curriculares, o reexame dos processos de ensino aprendizagem de leitura e produção/criação de textos é uma demanda da sociedade contemporânea em que os textos cada vez mais envolvem articulações complexas e dinâmicas entre diferentes letramentos e modalidades semióticas. Por isso, essas práticas podem atender melhor a essas demandas quando alinhadas a uma pedagogia crítica dos multiletramentos (Kalantzis; Cope; Pinheiro, 2020; Leeuwen, 2022), integrando a aprendizagem do *design* multimodal para possibilitar a participação e agência dos

jovens nos novos ambientes comunicacionais.

O entendimento de texto como um evento sociossemiótico de ação e interação, representação e identificação que integra as práticas sociais particulares, elaborado no âmbito dos estudos críticos do discurso, contribui para alargar nossa compreensão de texto, o que nos leva a considerar nas práticas socioescolares de letramentos a multiplicidade de modalidades semióticas que constituem nossas interações bem como a diversidade sociocultural e as dinâmicas de poder que, dialeticamente, articulam textos.

Kalantzis, Cope e Pinheiro (2020) propõem o *design* como um conceito dinâmico de criação de significado, que remete, ao mesmo tempo, a padrões de significados disponíveis socioculturalmente que se traduzem em convenções de linguagens, sons, imagens, gestos, toques, espaços e a processos de usos desses recursos disponíveis por pessoas em suas interações situadas. O trabalho com multiletramentos na escola não se reduz ao desenvolvimento de habilidades e competências, mas visa formar jovens que participem ativamente da produção de significados, com sensibilidade aberta às diferenças e à transformação de padrões de sentido que reproduzem opressões e desigualdades.

A abordagem dos multiletramentos, conforme Pinheiro (2024), identifica oito modalidades semióticas a partir das quais produzimos significado: oral, sonora, escrita, visual, gestual, tátil e olfativo-gustativa e espacial. Essas modalidades identificam um conjunto organizado de recursos semióticos cujas propiciações estão intrinsecamente relacionadas a um determinado sentido do corpo humano e se constituem a partir de uma lógica semiótica espacial e/ou temporal. O conceito de design constitui um estratagema para descrever como essas modalidades estão interconectadas em nossas práticas de interação, isto é, nos textos socialmente situados. Assim, a multimodalidade resulta da combinação de duas ou mais modalidades semióticas e de seus recursos semióticos para construção de significados nos textos.

Para o propósito deste artigo, é especialmente interessante considerar a modalidade semiótica espacial, que, conforme Kalantzis, Cope e Pinheiro (2020) é definida pelo modo como nos movemos através dos espaços. Sobre isso, Leeuwen

(2022) sugere, para análise dos recursos semióticos, levar em conta o potencial de significado experencial desenvolvido a partir da teoria da metáfora conceitual de Lakoff e Johnson (2002) e Lakoff (1987). A teoria da metáfora informa um mecanismo fundamental de criatividade semiótica, em que a significação é definida em termos de experiência corporificada, isto é, está baseada em nossas experiências sensório-motoras com nossos corpos, nosso modo de funcionamento físico no espaço, nossa interação com o mundo e nossa organização sociocultural. A experiência com o espaço e o modo de produzir sentidos a partir dele está na base das interações instanciadas pelas instalações artísticas.

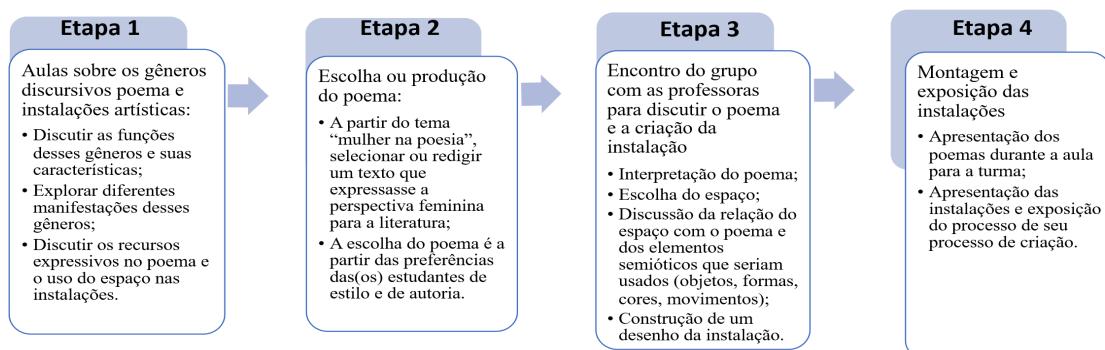
Analisamos as interações e as informações textuais geradas a partir de uma sequência de atividades pedagógicas, realizadas com turmas da 1^a série do ensino médio, em um colégio de aplicação situado no interior de Minas Gerais, em 2019, como parte do projeto-piloto de multiletramentos da disciplina de Língua Portuguesa e de Arte, para fins da pesquisa de Doutorado (Imaculada; Vieira, 2025). A escola está vinculada a uma universidade federal e suas dependências se encontram dentro do campus universitário e atende estudantes oriundos de diferentes cidades do estado, isso porque o ingresso na escola dava-se por processo seletivo de provas.

A primeira série, como as demais séries do ensino médio, era formada por um total de 160 estudantes distribuídos em 4 turmas de 40 estudantes. Em uma análise geral, eram jovens entre 14 e 15 anos. Além disso, o processo seletivo possuía ação afirmativa para estudantes de escola pública o que resultava em um conjunto de estudantes diversos em termos de classe com uma constituição equilibrada em termos de gênero, mas com pouca diversidade de raça. Esta sequência de atividades foi realizada com os/as estudantes ao longo de cinco anos e, nesse processo, foi possível avaliar, reavaliar e replanejar seus métodos e etapas.

A atividade foi desenvolvida interdisciplinarmente com a professora de Arte, e deveria ser construída em grupos pelos/as estudantes. A atividade desenvolveu-se em quatro etapas que instanciam formas de interação situadas como descreve a Figura 1, a seguir. Num primeiro momento, as professoras trabalharam o poema como gênero discursivo – as maneiras relativamente estáveis como agimos e

interagimos construindo relações sociais e negociando formas de poder – e como forma de expressão literária e artística subjetiva. Na sequência, trabalharam o conceito de instalação artística como um tipo de arte que utiliza o espaço como elemento fundamental. Em um segundo momento, estudantes escolheram um poema já existente ou produziram um poema consoante o tema norteador “A mulher na poesia”. O recorte para a atividade pode se dar de várias formas como a escolha de um tema, a escolha de autores, a escolha de uma época, entre outros. Em um terceiro momento, os grupos de estudantes deveriam reunir-se com as professoras em horários extraclasse para apresentar o poema escolhido ou produzido, juntamente com um desenho (croqui) com o espaço da escola escolhido para a instalação, deixando claro como eles/as desejavam construir a instalação, bem como expor as motivações para a escolha do poema e do espaço. Neste momento, discutíamos o poema com os/as estudantes do grupo que era composto por 10 pessoas, analisávamos em grupo os sentidos dos textos e as interpretações que poderiam ser construídas. Um quarto momento envolvia a montagem das instalações na escola no período do contraturno e o compartilhamento durante a aula dos poemas de cada grupo e do processo de construção da instalação.

Figura 1: Redes de ações interações desenvolvidas ao longo da atividade.



Fonte: Elaboração das autoras.

A instalação construída pelos/as estudantes deveria apresentar uma interpretação do poema a partir da experiência com os espaços, utilizar recursos semióticos diversos para integrar o texto do poema ao espaço da escola e

estabelecer algum tipo de interação com o público. De modo geral, a atividade que denominamos de “Instalações poéticas” engajava os/as estudantes de forma criativa e participativa e chamava bastante a atenção da comunidade durante os dias de exposição, estudantes, professores/as e funcionários/as circulavam pelo prédio da escola para ler as poesias, apreciar as instalações, interagindo com as produções dos/as estudantes.

Considerando a escolha dos gêneros discursivos poema e instalações, demarcamos a ênfase na literatura e na construção de significados espaciais e visuais baseados em experiências e vivências corporificadas. No âmbito das práticas linguístico-discursivas, os textos literários, e a arte, de um modo geral, são um espaço político-identitário de luta e de disputa sociocultural aberto à pluralização de vozes e à desinterdição de dizeres, por isso, o trabalho com esses textos propicia experiência sensorial, estética muito rica que contribuem para a crítica e a reflexão. No processo de *redesign* dos poemas em instalações, fomentamos práticas de letramento literário multimodal que, conforme Aires e Brener (2024), se referem a práticas discursivas de leitura e escrita que englobam a intersecção das diferentes modalidades semióticas, visando a construção de significados complexos e abrindo caminho para atribuições de novos sentidos aos textos literários com promoção de criatividade e a criticidade em contextos de ensino.

Multiletramentos e semiótica social: corpo, experiência e significados espaciais nas instalações poéticas

A diretriz metodológica de dar autonomia às/aos estudantes para interagir com os textos e selecionar aqueles que lhes fizessem mais sentido, segundo suas experiências, suas preferências éticas, estéticas, suas avaliações sobre temáticas importantes mostrou-se profícua, pois, além de desencadear processos de leitura, colaboração e pesquisa, resultou em um conjunto de textos que, de modo crítico, desafiavam as representações hegemônicas e estereotipadas da categoria “mulher”, dando privilégio a diferentes afetos, subjetividades e intelectualidades femininas como ilustra o Quadro 1 abaixo, que lista as escolhas dos/as estudantes.

Quadro 1: Seleção de textos pelos/as estudantes participantes para as instalações.

Título do poema	Autor	Temática
Sinônimo	Autoria das alunas	Experiência das alunas com as violências físicas e emocionais em nossa sociedade.
Vida no cárcere	Liamar Maia	Experiência de viver a privação de liberdade e outras formas de prisão vividas pelas mulheres.
A noite não dorme nos olhos das mulheres	Conceição Evaristo	Experiência das mulheres negras relacionadas a sua ancestralidade, seus sofrimentos e resistências.
Culpa	Luiza Romão	A relação com o corpo e os padrões impostos socialmente.
Às seis da tarde	Marina Colasanti	Reflexão sobre a condição das mulheres antes e depois de entrarem no mercado de trabalho, pois ambas geram sofrimento e angústias.
Mulher de vermelho	Angélica Freitas	Problematização dos estereótipos associados à mulher, especialmente em relação às vestuário.
Anjos mulheres	Maria Tereza Horta	Leitura feminina e idealizadora em que os anjos aparecem como a corporificação da identidade feminina
Ofertas de Aninha	Cora Coralina	Uma mulher que reflete sobre a construção de sua vida a partir de uma postura singela, otimista e resiliente.
Quem você pensa que é?	Martha Medeiros	Questionamentos sobre a autoridade da mulher para se posicionar.
Com licença poética	Adélia Prado	Exaltação da força feminina a partir da oposição entre o que é próprio do mundo masculino e é considerado um fardo para uma mulher.
Mulher ao espelho	Cecília Meireles	Abordagem com sensibilidade de temas existenciais como beleza, envelhecimento e morte, fundamentais para o feminino.
O mar dos meus olhos	Adelina Barradas de Oliveira	A grandeza das mulheres que têm grandeza de alma ao mesmo tempo que são calmas.
Eu-mulher	Conceição Evaristo	Experiência das mulheres negras com a fertilidade e a maternidade.
Ser Mulher	Gilka Machado	A condição da mulher associada às amarras sociais que a limitam.
Mulher	Rayme Soares	A força da mulher associada à natureza e à sua capacidade geradora de vida.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Para os interesses dessa discussão, é importante enfatizarmos essa diversidade de textos que empreendem no espaço escolar um esforço, como defendem Resende (2019) e Vieira (2019), no sentido de superar a colonialidade do poder, do saber e do ser. Na medida em que essa pluralização de vozes traz também uma pluralidade de temas e de experiências, as autoras demonstram preocupações diferentes, mas todas relevantes para pensar a condição da mulher em nossa sociedade. As/os estudantes, ao trazerem esses poemas para o espaço escolar, mobilizam discursos particulares, trazendo para esse espaço outras subjetividades, possibilitando, assim, uma redefinição dos processos de seleção e organização dos saberes literários no currículo escolar ainda muito pautados no cânone literário e, portanto, em um padrão ocidental eurocêntrico. As instalações a seguir exemplificam, brevemente, a diversidade de representações das mulheres e de escolhas estilísticas de espaço. Para a breve análise semiótico-discursiva, tomamos duas instalações, referentes aos poemas *Sinônimo* e *Vida no cárcere*. Olhamos especificamente para o modo como as/os estudantes compõem as instalações e, nesse (inter)agir, constroem estratégias representacionais e identificacionais na experiência corporificada autoral com o espaço-tempo escolar.

Nas instalações, os/as estudantes foram incentivados/as a criar um *redesign* dos poemas justapondo os modos escrito, visual e espacial, experimentando maneiras de expressar significados espaciais. Conforme Kalantzis, Cope e Pinheiro (2020, p. 274), “os significados espaciais são moldados nos lugares que habitamos reais ou virtuais, na maneira como nos movemos e no que fazemos neles”. Esses significados estão intimamente ligados aos significados visual e tátil, porque se constituem também a partir da forma como vemos os espaços e como sentimos e manipulamos objetos neles. As experiências são socioculturais e constituem a base para nossa razão abstrata e, portanto, para a construção de metáforas, já que os significados sociais são profunda e invariavelmente corporificados.

O gênero discursivo instalação artística atualiza na prática pedagógica escolar uma atividade característica da prática artística contemporânea que tem como elemento fundamental o espaço e que visa promover uma interação do objeto artístico com o espaço e com o público. Enquanto modo de ação e interação situado,

as instalações visam apresentar uma experiência estética sensorial e reflexiva no espaço da escola, o que é materializado em sua composição como gênero discursivo situado. Em diálogo com Walsh (2007) e a perspectivas de uma interculturalidade crítica na prática educacional, entendemos a escola como um espaço de diálogo e produção cultural em que essas interações com potencial de criação e expressão estética podem favorecer a construção de pedagogias críticas e decoloniais comprometidas com a razão, possibilitando outras maneiras de pensar os campos de poder, saber e ser.

Este gênero discursivo, por sua natureza de expressão estética e subjetiva, não apresenta estrutura fixa, rígida e previsível e os/as estudantes, ao integrarem os poemas nas instalações, assimilam também outros discursos, estilos e vozes por meio da integração dos modos escritos, espaciais, táteis e gestuais. Para ilustrar a análise, segue o poema *Sinônimo*, produzido por uma estudante conforme a temática proposta, abarcando as representações das mulheres e as percepções e sentimentos das componentes do grupo. Acompanhando o poema, seguem as fotos da instalação construída pelo grupo:

Sinônimo

*A luta é
por elas que não eram gente,
exploradas, violadas
Por elas que morreram
mas não se calaram
Por elas que não tinham escolha,
sangravam sem amparo*

*Sozinhas, largadas, abandonadas.
Mas também é por você
que quebra o muro mesmo quebrada.
Por você que é atacada e silenciada
Por você que não é livre por medo
de quem vai estar na próxima esquina
que você virar desacompanhada*

*Por você que é puta, oferecida, rodada, inferior.
Julgada de tal modo que
até a autoestima é zerada.
Esse poema é para todas que
resistiram à queda. Que seguiram
lutando com as pernas bambas*

e com a garganta ardendo

Grita, luta, resista
Você não é louca.
Já podemos colocar no dicionário:
O SINÔNIMO de mulher é FORÇA

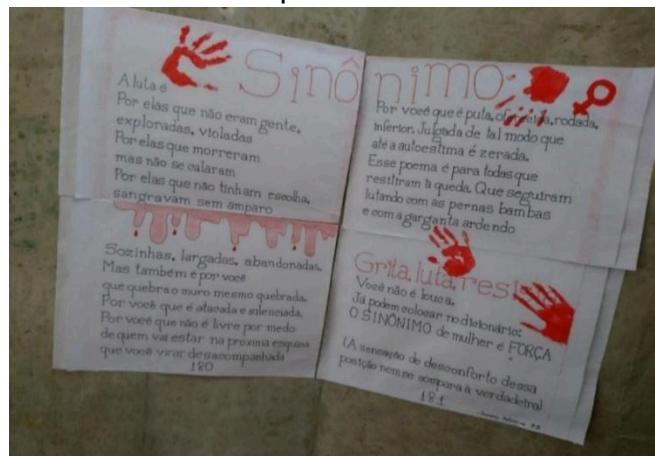
(Texto produzido por uma estudante do primeiro ano do Ensino Médio)

Figura 2: Foto da escada onde foi construída a instalação.



Fonte: Arquivo pessoal das autoras.

Figura 3: Foto do texto do poema afixado debaixo da escada.



Fonte: Arquivo pessoal das autoras.

Sobre a integração entre os modos escritos, espaciais, táteis e gestuais, pontuamos que o poema *Sinônimo* é a expressão do entendimento das estudantes da vivência do que, para elas, é ser mulher em nossa sociedade. E aqui é importante informar que esse grupo era composto apenas por alunas, uma vez que percebemos

que elas falam de um lugar de quem vive e/ou testemunha ainda hoje as violências físicas e simbólicas que marcam a vida das mulheres e que são persistentes em nossa sociedade, caracterizada por uma organização social patriarcal. Ao criarem esse poema e integrarem na instalação, filiam-se a um discurso de denúncia das injustiças e desigualdades de gênero socio-historicamente construídas e perpetuadas ao longo dos séculos. Além disso, proclamam um discurso de resistência e luta baseado na força e coragem das mulheres, interpelando-as a se posicionarem e a mudarem as práticas sociais.

Reforçando esses sentidos, as estudantes construíram a instalação debaixo da escada da entrada principal da escola e aproveitando seu formato arquitetônico, fixaram o poema como se fosse um livro aberto pronto para ser lido, como podemos observar nas figuras 2 e 3. Como foi observado, o espaço escolar é interpretado e re-significado pelos/as estudantes conforme suas experiências corporais. Esse espaço debaixo da escada apresenta características e potenciais de significado a partir da experiência dos/as estudantes, pois é estreito, não permite circulação de pessoas, e pode servir para guardar coisas poucos úteis. Dessas possibilidades, a ênfase estava na experiência física corporal de desconforto, como o próprio poema destaca “a sensação de desconforto dessa posição nem se compara à verdadeira”.

Em uma articulação com esse significado espacial, a instalação demandava um engajamento físico corporal num movimento de agachar-se ou deitar-se debaixo da escada para interagir com o texto; esse engajamento é o que gera desconforto. Conforme Leeuwen (2022), movimentos também são elementos distintivos de identidades. As estudantes, nessa transposição e justaposição de modos semióticos que constroem uma metáfora a partir da materialização concreta de suas sensações, se identificam como corpos desconfortáveis, corpos que não se sentem bem em certos espaços-tempos públicos.

Vida no cárcere

*O pior cárcere não é o que aprisiona o corpo
Mas o que asfixia a mente e alguma emoção
Sem liberdade; as mulheres sufocam sem prazer,
Sem nada; os homens se tornam máquinas de trabalho;
Há muitas mulheres no cárcere, já nem sei a conta:*

*Em cidades que não se dizem, em lugares que ninguém sabe;
Presas então, estão para sempre,
Sem janelas e sem esperança*

*Umas voltadas para o presente e outras para o futuro
Presas em delírio, na sombra
Presas por outros ou por si mesmas,
Ninguém solta
(MAIA, 2017, p. 40)*

Figura 4: Foto do texto do poema afixado debaixo da escada.



Fonte: Acervo pessoal das autoras.

Os/as estudantes têm percepções distintas sobre as representações das mulheres e sobre o que é vivenciar esse papel social em nossa sociedade, afinal, como já afirmamos, eles/as são corpos situados e têm experiências diferentes. As demais instalações integram poemas que não são de autoria dos/as estudantes, porém trazem uma diversidade de discursos que oferecem a possibilidade de problematizar a categoria “mulher”, possibilitando pensá-la de forma interseccional, como defende Lugones (2007, 2014). A instalação acima foi construída a partir do poema *Vida no cárcere* de autoria de Liamar Maia, o qual é parte do livro *Mulheres poéticas - A poesia no cárcere* que resultou de um projeto cujo objetivo era dar voz e expressão às mulheres que estão privadas de liberdade. O texto traz a voz de uma mulher que se encontra em situação de cárcere e que problematiza as diferentes formas de se estar presa e sem liberdade, que pode ser literal ou figurada, uma vez que mulheres podem se sentir reprimidas sem estarem encarceradas. Assim, as(os)

estudantes inserem o debate e reflexão sobre uma categoria de mulher que, além de excluída do convívio social, é silenciada, não fala nem é falada, mas existe e tem seus sentimentos e suas demandas materiais e sociais.

Essa instalação foi construída debaixo de uma outra escada, posicionada na lateral da escola, que dá acesso às salas de aula e que tem um espaço maior, permitindo a mobilidade. Esse espaço geralmente era usado para colocar objetos que estavam estragados ou quebrados, como mesas e cadeiras, ou que não tinham muita utilidade, funcionando como um lugar de despejo. Para construir a instalação, as(os) estudantes partiram, então, dessa experiência com a função desse espaço, articulando significados visuais com a reprodução de uma cela debaixo da escada, usando objetos como colchão, mesa, cadeira, quadro com versos e grades como visto na figura 4. Esse espaço reconstrói, metaforicamente, a condição dessas mulheres na sociedade, respondendo essa experiência espacial de destinar lugares para o descarte de objetos que não nos servem mais, para as dinâmicas das nossas relações sociais de poder que invisibilizam e excluem certos corpos, dentre estes os das mulheres privadas de liberdade.

Esse deslocamento de sentido de descartar pessoas, como descartamos coisas, constrói um sentido metafórico que gera uma sensação de incômodo diante da constatação de que, de fato, fazemos isso com determinados grupos de pessoas e sequer nos damos conta da existência dessas mulheres, de suas necessidades e de suas condições de existência nos espaços prisionais. Como as/os estudantes desse grupo argumentaram, a instalação tinha o propósito de causar um choque e promover reflexão, ao mesmo tempo em que trouxe uma valiosa experiência de leitura para todos os/as alunos/as da escola que tiveram a oportunidade de conhecer a criação literária dessas mulheres e suas sensibilidades.

Discursos de supostas “superioridades” impactam em nossas experiências de vida e no modo como construímos maneiras de ser em nosso tempo. Assim, essa proposta de prática de multiletramentos é uma possibilidade de construir um espaço de leitura de textos literários de autorias diversas no contexto escolar para que os estudantes sejam capazes de perceber a pluralidade de perspectivas que constitui a literatura, num esforço para superar a colonialidade do ser, do saber, do poder e do

poder ser.

Considerações finais

Na perspectiva dos estudos discursivos críticos, práticas e processos de (de)colonialidade são parcialmente sustentados por discursos ideológicos organizados em redes de ordens do discurso com a função normativa e reguladora através da produção de saberes, estratégias e práticas legitimadas pela estrutura social. Na prática educacional, a escola e a rede de interações que a constitui tem sustentado ideologias que servem à manutenção de relações coloniais de gênero social, especialmente quando negligencia no currículo as produções científicas e os saberes de mulheres. Tomar consciência desses processos sociais no espaço escolar é fundamental, pois abre espaço para a desconstrução das ideologias que sustentam relações de opressão baseadas nas dinâmicas de gênero social. Como alerta Freire (2018), a educação como prática política pode converter-se em uma ferramenta para a emancipação e transformação social.

Assim, o trabalho de leitura de obras escritas por diferentes mulheres no âmbito da escola – como realizado na experiência de ação colaborativa - constitui uma ação pedagógica relevante que toma a leitura literária e expressão artística como caminhos para a problematização e contestação de discursos socio-historicamente constituídos sobre gênero social e intersecções. Os/as estudantes, ao se expressarem ou se aproximarem das vozes das autoras dos poemas, reconhecem seus sentidos de resistência e questionamento e acabam refletindo mais criticamente sobre suas experiências e vivências, como jovens social e culturalmente situados/as num tempo e espaço particular, o que possibilita que contestem as práticas do sistema mundo colonial moderno e se engajem em outras formas de pensar as relações de gênero como pudemos observar na análise das instalações, que de modo geral visavam reforçar a problematização dos poemas a partir dos significados espaciais e visuais.

Pesquisas que levam em consideração práticas de multiletramentos situadas permitem pensar gênero social e intersecções por uma perspectiva interdisciplinar,

abordando a linguagem em sua complexidade semiótica como forma de transformar representações e identificações de gênero social. Assim, no contexto de uma pesquisa mais ampla, os resultados desta experiência escolar constituem apenas um exercício de análise e reflexão sobre possibilidades teórico-metodológicas para pesquisa e iniciativas no contexto educacional que envolvam preocupação com multiletramentos com perspectiva de gênero social e interseccionalidades.

Referências

- AIRES, A. P. L. dos S.; BRENER, F. M. Apropriações multimodais de “The Masque of The Red Death” por professores de inglês em formação. *Revista EntreLingua*, Araraquara, v. 10, n. 00, p. 2-28, 2024. DOI: 10.29051/el.v10i00.18792.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF: MEC, 2018.
- CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. *Discourse in late modernity: rethink critical discourse analyses*. Londres: Routledge, 1999.
- FAIRCLOUGH, N. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. Londres: Routledge, 2003.
- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.
- IMACULADA, O. M.; VIEIRA, V. Multiletramentos e gênero social: uma experiência de leitura crítica de poemas em instalações artísticas no espaço escolar. In: SILVA, K. A. da; PEREIRA, L. S. M. *Metodologia de pesquisa em linguística aplicada*. Campinas: Pontes, 2025. v. 1. cap. 7, p. 239-280.
- KALANTZIS, M.; COPE, B.; PINHEIRO, P. *Letramentos*. São Paulo: Editora Unicamp, 2020.
- KRESS, G.; LEEUWEN, T. van. *Multimodal discourse: the modes and media of contemporary communication*. London: Arnold, 2002.
- KRESS, G.; LEEUWEN, T. van. *Reading images: the grammar of visual design*. 2nd ed. London: Routledge, 2006.
- LAKOFF, G. *Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. São Paulo: EDUC-PUC, 2002.

VIEIRA, V. IMACULADA, O. M.

Multiletramentos e gênero social: uma experiência de releitura de poemas em instalações artísticas no espaço escolar

LEEUWEN, T. van. *Multimodality and identity*. New York: Routledge, 2022.

LUGONES, M. Heterosexualism and the colonial/modern gender system. *Hypatia*, Edwardsville, v. 22, n. 1, p. 186–209, 2007. Disponível em:
<https://muse.jhu.edu/journal/80>. Acesso em: 3 maio 2022.

LUGONES, M. Rumo a um feminismo decolonial. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935-952, set./dez. 2014. Disponível em:
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36755>. Acesso em: 20 abr. 2022.

MAGALHÃES, J. E. P. Competências socioemocionais: gênese e incorporação de uma noção na política curricular e no ensino médio. *e-Mosaicos*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 23, p. 62-84, 2021. Disponível:
<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/e-mosaicos/article/view/46754>. Acesso em: 5 jun. 2022.

MAIA, L. *Mulheres poéticas - a poesia no cárcere*. São Paulo: Gostri, 2017.

MALDONADO-TORRES, N. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas, In: BERNARDINO-COSTA, J.; MALDONADO-TORRES, N.; GROSFOGUEL, R. *Decolonialidade e pensamento afrodiáspórico*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. p. 30-88.

PINHEIRO, P. Da linguística saussuriana à semiótica social: o conceito de multimodalidade sob escrutínio. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, v. 63, n. 2, p. 396–411, 2024. Disponível em:
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8675669>. Acesso em: 10 abr. 2025.

PROJETO de vida e competências socioemocionais: novas faces das "reformas" educacionais. [S. l.: s. n.], 2022. 1 vídeo (2 h:1 min). Publicado pelo canal Observatório das Reformas Educacionais. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=EiPDkbTK088> . Acesso em: 27 out. 2022.
Participação de Jonas Magalhães, Cláudio Costa, Eduardo Sepe.

REFORMA do ensino médio: as “reformas” e o “golpe”, o “novo” e o velho na precarização da educação brasileira. [S. l.: s. n.], 2022. 1 vídeo (1 h:58 min). Publicado pelo canal Observatório das Reformas Educacionais. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=1LosrfzY38s>. Acesso em: 27 out. 2022.
Participação de Fernando Penna, Cláudio Costa, Eduardo Sepe.

RESENDE, V. D. M. Perspectivas Latino-Americanas para decolonizar os estudos críticos do discurso. In: RESENDE, V. D. M. *Decolonizar os estudos críticos do discurso*. Campinas: Pontes, 2019. p. 19-46.

ROJO, R. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola, 2009.

VIEIRA, V. IMACULADA, O. M.

Multiletramentos e gênero social: uma experiência de releitura de poemas em instalações artísticas no espaço escolar

SILVA, M. R. A BNCC da reforma do ensino médio: o resgate de um empoeirado discurso. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 34, p. 1-15. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/V3cqZ8tBtT3Jvts7JdhxxZk/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 15 out. 2022.

SILVA, M. R.; MARTINEZ, J. Z.; FERNANDEZ, A. C.; BEATO-CANATO, A. P. Faz sentido uma Base Nacional Comum Curricular? *Revista X*, Curitiba, v. 15, n. 5, p. 9-17, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/revistax/article/view/77308>. Acesso em: 15 jan. 2022.

VIEIRA, V. Análise de inter-ações em pesquisas colaborativo-dialógicas. In: DOMINGUEZ, M. A.; LIMA, R. F. M. *Contemporaneidade em discurso: contribuições da análise do discurso sobre questões do nosso tempo*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2023. p. 96-124.

VIEIRA, V. C. Corpos de (com)vivências em pesquisas críticas do discurso. In: ALMEIDA, M. M. T.; RESENDE, V. M. *Estudos do discurso: abordagens em ciência crítica*. Campinas: Pontes, 2022. p. 137-162.

VIEIRA, V. C. Perspectivas decoloniais feministas do discurso na pesquisa sobre educação e gênero-sexualidade. In: RESENDE, V. M. *Decolonizar os estudos críticos do discurso*. Campinas: Pontes Editores, 2019. p. 83-115.

WALSH, C. Interculturalidad, colonialidad y educación. *Revista Educación y Pedagogía*, Medellín, v. XIX, n. 48, p. 25-35, mayo/agosto, 2007. Disponível em: https://www.flacsoandes.edu.ec/sites/default/files/agora/files/1265909654.intercultura_lidad_colonialidad_y_educacion_0.pdf. Acesso em: 11 out. 2021.

Recebido em: 15 jan. 2025.
Aprovado em: 14 mai. 2025.

Revisor(a) de língua portuguesa: Juliana de Barros Souto

Revisor(a) de língua inglesa: Gabrieli Rombaldi

Revisor(a) de língua espanhola: Beatriz Grenci